

**Nimuendajú**, Curt (2019). *Os índios Xipaya: Cultura e língua*. Organização e tradução de Peter Schröder (1 ed.). Campinas: Editora Curt Nimuendajú. Pp. 296. ISBN 978-85-99944-48-6.

Resenhado por Beatriz Furlan Toledo<sup>1</sup>  
PG. Universidade Estadual de Campinas, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0001-7608-4683>

O livro “*Os índios Xipaya: Cultura e língua*”, lançado pela editora Curt Nimuendajú em 2019, reúne textos etnográficos de Curt Nimuendajú, traduzidos e organizados por Peter Schröder.<sup>2</sup> Na apresentação desta edição, escrita por Schröder, são lembradas algumas das obras mais importantes de Nimuendajú, entre as quais Schröder destaca as etnografias sobre os Apopokuva-Guarani, Palikur, Apinayé, Xerente, Canela-Ramkokamekrá e Ticuna. Os textos sobre cultura e língua dos Xipaya, organizados no livro, fazem parte do início da carreira de Nimuendajú como etnólogo e, apesar de serem conhecidos por especialistas, ainda não são conhecidos pelos demais públicos.

Sendo assim, o objetivo do livro é explicitar as peculiaridades desses textos e contextualizá-los, de forma a levá-los a um maior conhecimento do público que possa se interessar pela leitura da obra. Os textos sobre os Xipaya fazem parte do início da trajetória de Nimuendajú como etnógrafo, quando sua reputação começou a se consolidar. Esses textos foram publicados na revista *Anthropos*, um periódico etnológico e linguístico fundado em 1906 pelo Padre Wilhem Schmidt. Na época em que os textos foram publicados, o *Anthropos* ainda era publicado na Áustria (atualmente, o periódico é publicado na Suíça).

Schröder explica que por meio de dez das 34 cartas arquivadas na cidade de Marburg, na Alemanha, trocadas entre Nimuendajú e o etnólogo Theodor Koch-Grünberg, é possível realizar uma reconstrução parcial da história dos textos sobre os Xipaya que compõem

---

<sup>1</sup> O presente artigo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco. Entre suas muitas publicações, estão: *Economia Indígena: situação atual e problemas relacionados a projetos indígenas de comercialização na Amazônia Legal* (2003) e *Cultura, identidade e território no Nordeste indígena: os Fulni-ô* (2012).

o livro. De acordo com esses registros, foi através do contato de Nimuendajú com o “coronel” Ernesto Accioly de Sousa que o etnógrafo pôde conhecer os Xipaya, porém isso não ocorreu como o planejado. Accioly teria convidado Nimuendajú para conhecer os rios Curuá e Iriri e os indígenas daquela região, no entanto, teria deixado Nimuendajú esperar pelo resto do ano em um lugar chamado Santa Júlia, com promessas vagas sobre a organização de uma excursão etnológica em territórios indígenas. Quando, finalmente, o “coronel” mandou Nimuendajú seguir adiante de Santa Júlia, o etnógrafo foi preso sob a acusação de ser um espião alemão. O cativo terminou por falta de provas e apesar desses acontecimentos e dos problemas com Accioly, Nimuendajú voltou a serviço do “coronel”, com uma pequena equipe, para explorar por três meses a região entre o Xingu e Tapajós, a partir das cabeceiras do Curuá, à procura de aldeias dos Kayapó.

Ao voltar ao Curuá, Nimuendajú continuou dependente de Accioly que o abandonou na região novamente. Devido à sua situação financeira precária, viu-se obrigado a ficar em um lugar chamado Boca do Baú até março de 1919. Para aproveitar o tempo, transformou o paradeiro involuntário em oportunidade de pesquisa e começou a estudar a cultura dos Xipaya.

Os textos traduzidos no livro são, de acordo com Schröder, exemplos das visões salvacionistas que nortearam a etnologia praticada por Nimuendajú, uma vez que os Xipaya são descritos por ele, como um povo explorado e dizimado pela população regional não-indígena. A integração dos Xipaya no sistema colonial instaurou-se de forma mais vigorosa a partir de meados do século XVIII e os textos reunidos no livro são bons indicadores das transformações espaciais e sociais no quadro étnico da região dos rios Xingu, Iriri e Curuá durante o século XIX.

Hoje, os Xipaya vivem na Terra Indígena Xipaya localizada no sul do estado do Pará. A terra foi identificada em 1999, mas foi homologada apenas em 2012, de acordo com o Instituto Socioambiental (ISA). Segundo essa instituição, as maiores ameaças atuais aos limites da Terra Indígena Xipaya são as dezenas de requerimentos de mineração. A língua Xipaya está ameaçada de extinção, sendo que, Maria Xipaya é a última falante e desde 1988, trabalha para a revitalização da língua com a linguista Carmen Lúcia Reis Rodrigues. O trabalho colaborativo entre Maria Xipaya e a linguista permitiu o registro de vocabulário, de regras gramaticais e de uma ortografia preliminar para a língua. O Xipaya era considerado uma língua extinta até os anos 1980, quando Carmen Lúcia Reis Rodrigues e o linguista Denny Moore descobriram Maria Xipaya e viram uma oportunidade de revitalizar a língua. Em entrevista publicada na *Isto é* em abril de 2019,<sup>3</sup> o professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), Nelivaldo Cardoso Santana, explica sobre o projeto de revitalização linguística realizado com membros da comunidade Xipaya, da região do Xingu. Nelivaldo Cardoso Santana relata que durante o projeto foram organizadas oficinas de culinária, de coleta de sementes para artesanato e que, atualmente, cerca de 80 membros da comunidade utilizam a língua Xipaya durante as festividades e a usam para escolher os nomes de seus filhos.

O primeiro capítulo do livro, traz a tradução do artigo de Nimuendajú *Fragmentos de religião e tradição dos índios Xipaya*. Os apontamentos desse artigo foram realizados

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://istoe.com.br/brasil-ainda-e-um-pais-multilingue-diz-especialista-em-idioma-indigenas/>>. Acesso em: 05 de nov. de 2019.

entre 1918 e 1919, em condições desfavoráveis, quando o pequeno grupo Xipaya com o qual Nimuendajú teve contato estava sendo muito pressionado pelos patrões cristãos a restringir diversos aspectos da prática de sua religião. No entanto, Nimuendajú relata que os Xipaya não se tornaram cristãos nessa época. Nesse artigo, Nimuendajú registra que se preocupava em deixar anotações úteis sobre a língua Xipaya, para que um possível sucessor nas pesquisas sobre o povo pudesse se beneficiar de seus dados coletados.

Após uma breve introdução sobre as condições da pesquisa e coleta de informações e anotações linguísticas pontuais, Nimuendajú divide os registros sobre a religião Xipaya nas seguintes seções: i) Os feiticeiros; ii) Céu e terra; iii) Demônios; iv) Almas dos mortos e espíritos; v) Os grandes feiticeiros dos tempos primordiais; vi) Lendas de animais e vii) Tradições históricas e semi-históricas.

Na seção intitulada *Os feiticeiros*, Nimuedajú relata que os Xipaya se tornavam curandeiros a partir de instruções e registra alguns casos sobre esse processo, que os Xipaya compartilharam com ele. A fonte de toda sabedoria do curandeiro Xipaya são seus sonhos. É por meio dos sonhos que o curandeiro transmite seus conhecimentos a um aprendiz. O curandeiro utiliza nesse processo, charutos de um palmo de comprimento, feitos de folhas frescas de tabaco plantado pessoalmente, secas em espetinhos de madeira sobre a brasa e depois envolvidas em entrecasca da tauari.<sup>4</sup> Outra forma de se tornar um curandeiro é através da inclinação natural, manifestada em sonhos e visões. Nimuendajú explica que para se tornar curandeiro, duas características são fundamentais: predisposição a sonhos e visões e um mestre hábil que ensine a desenvolver o dom.

Nimuendajú afirma que para os Xipaya, a medicina e a “bruxaria” eram realizadas em conjunto, ou seja, na medicina do povo, a magia analógica e o empirismo coexistiam em harmonia. O autor registra dois rituais de cura: o feitiço da mandioca, utilizado para vingar a morte de um parente no seu assassino e o feitiço *wĩrũ*, realizado por pessoas maldosas e que causaria certas doenças epidêmicas. Sobre esse último feitiço, é importante ressaltar que, de acordo com os registros de Nimuendajú, o feitiço *wĩrũ* tomava a feição de um cristão remando numa embarcação em direção à aldeia que ele deveria arruinar.

A seção seguinte, intitulada *Céu e terra* traz registros sobre as narrativas de origem do povo. Os Xipaya acreditavam que o mundo consistia em vários andares, sendo que debaixo de nós há um mundo e, acima de nós, também. O povo acreditava que o que hoje é terra, antigamente era céu e o céu atual um dia ficaria no lugar da terra de hoje. A explicação para essa crença é explicada pelos Xipaya: segundo relatos, houve uma tempestade terrível e o céu caiu sobre a terra. Um aspecto interessante dessa narrativa é que o tatu aparece como um dos animais responsáveis por cavar buracos no céu, para que as pessoas pudessem alcançar o lado superior, após a queda do céu sobre a terra. O tatu também aparece como responsável por acessar outras esferas do mundo em algumas narrativas dos povos Jê, como os Krahô e Kayapó (cf. Wilbert e Simoneau 1984: 95-96), sendo esse último povo considerado inimigo dos Xipaya.

De acordo com a narrativa, após esse acontecimento, há Xipayas tanto no céu, quanto na terra. Os *Sipaiá* vivem no céu e as crianças *Sipaiá* têm a pele mais clara que as outras crianças. O sol era concebido como do sexo masculino e costumava matar os *Sipaiá*

---

<sup>4</sup> No Brasil, tauari corresponde às espécies de três gêneros de Lecythidaceae: *Allantoma*, *Cariniana* e *Couratari* (Procópio e Secco 2008).

dissimuladamente. O eclipse solar era visto como o sangue resultante do massacre dos Kayapó aos Xipaya no Curuá. A lua é explicada por meio do mito que relata o incesto entre um irmão e uma irmã, descoberto quando a irmã marca o rosto de seu visitante noturno com jenipapo e descobre que esse homem era seu irmão. Ao final da narrativa, a moça se transforma em uma anta e o irmão se transforma na lua. Esse é um mito comum entre os povos Tupi. A menstruação das mulheres é relacionada à influência da lua a partir desse mito. Os Xipaya também possuíam narrativas sobre as estrelas e as constelações.

Na seção intitulada *Demônios*, Nimuendajú relata que um bando numeroso de demônios povoa as florestas, os rios e o céu da terra dos Xipaya. O respeito por sua onipresença, a confiança em sua ajuda ou temor de sua ira constituem, com exceção do culto dos mortos, a religião dos Xipaya. Entre esses demônios, o mais destacado é o *Kumãfári* e Nimuendajú registra alguns mitos sobre ele. Esses mitos são divididos em “*Kumãfári*, o velho” e “*Kumãfári*, o jovem”. Eles se referem a duas pessoas distintas que usaram o nome *Kumãfári*, pai e filho, respectivamente. Os irmãos *Kuñarima* e *Aruβiatá* também são figuras importantes nas narrativas Xipaya. *Kuñarima* é sempre chamado de *Marušawa* nas mitologias. A narrativa sobre a origem dos irmãos não foi obtida por Nimuendajú.

Nimuendajú afirma que até pouco antes do contato dos Xipaya com os brasileiros (por volta de 1885), o povo era antropófago. Essa afirmação é confirmada por antigos missionários jesuítas. *Kumãfári* é caracterizado como o demônio da antropofagia. Os Xipaya relataram a Nimuendajú que quando *Kumãfári* queria comer carne humana, mandava dizer aos homens que guerrilhassem e prendessem um inimigo. O homem inimigo era preso e durante o período de cativo, as mulheres o alimentavam e o faziam crer que seria solto logo. Após matarem o inimigo em um ritual, sua carne era dividida entre os membros da comunidade.

*Kumãfári* e sua parentela merecem o primeiro lugar na mitologia Xipaya. O segundo lugar é atribuído por Nimuendajú ao demônio-peixe *Pai*. O etnógrafo justifica a importância do demônio-peixe *Pai* ao fato de que os Xipaya eram um povo pescador, para o qual a agricultura vem em segundo lugar e a caça, em terceiro.

Outra estirpe de monstros aquáticos são os *Adjá šikōākōa* que antigamente moravam num baixio do rio Curuá, pouco acima de sua foz. A grande serpente *Toβí* é responsável pelo mito que relata a origem das primeiras plantas alimentícias utilizadas pelos Xipaya. *Tumáχá* é considerado pelos Xipaya como “senhor das caças”, todos os mamíferos caçáveis são sujeitos a ele, com exceção das queixadas e das onças. Ele era visto como um ser benévolo. Já os *Apu Šiφáia* eram seres bastante perigosos e Nimuendajú traduz seu nome como “onça do mundo superior”. Nimuendajú também registra duas figuras mitológicas que, de acordo com ele, foram emprestadas de algum povo Tupi, uma delas é o Kurupira e a outra é o Mapynguarí.

A seção *Almas dos mortos e espíritos* traz o registro de Nimuendajú sobre a composição da alma, de acordo com os Xipaya. Segundo o povo, as almas são compostas por duas componentes, o *Áwá* e o *Isāwī* (*Señāwī*). O *Áwá* corresponde ao conceito de espectro e é mais ou menos perceptível pelos sentidos. Já o *Isāwī* era um conceito mais difícil de explicar, Nimuendajú relata ter a impressão de que os Xipaya queriam dizer “força vital” quando tentavam explicar o conceito de *Isāwī*.

Os Xipaya acreditavam que quanto maior o conhecimento mágico de uma pessoa, mais resistente à morte ela é. Eles acreditavam também que ao morrer, a alma inteira (*Isāwĩ* dentro do *Áwá*) saía pela boca do indivíduo. Nimuendajú descreve os acontecimentos pós morte relatados pelos Xipaya, desde o caminho até a recepção no mundo dos mortos. O *Áwá* separado do *Isāwĩ* passa a ser um fantasma e a ser temido como tal. Em noites de eclipse lunar os Xipaya se desafiavam a irem sozinhos para o mato, para provar que não têm medo de fantasmas. Nimuendajú também registra a narrativa sobre um monstro chamado *Awandára* que resultou da transformação de um moço da comunidade Xipaya.

O *Isāwĩ* comporta-se de maneira totalmente diferente do *Áwá* depois de ter sido separado deste pelo chefe dos mortos, *Wubá*. Ele passa a pertencer à comunidade dos mortos e das almas, os *Iánãi*. Os *Iánãi* gostam de voltar ao meio dos vivos às vezes. Quando eles querem dançar na terra, seu chefe *Wubá* aparece a um curandeiro e lhe ordena preparar a dança, mandando fabricar *kaširi* (uma bebida fermentada, produzida pelos Xipaya) e os apetrechos de dança. Nimuendajú descreve a dança dos espíritos, *Iánãi karia*, em seus vários aspectos. Ele descreve o papel do curandeiro, os preparativos e os mandamentos da festa. Além disso, Nimuendajú apresenta em detalhes uma dança que presenciou enquanto estava entre os Xipaya, relatando todos os dias de duração do ritual.

Um outro aspecto da religião dos Xipaya é apresentado na seção *Os grandes feiticeiros dos tempos primordiais*. Nos tempos primordiais havia uma classe de curandeiros, os *Piawá*, cuja única pretensão era aprimorar fisicamente a humanidade, seu objetivo era tornar os humanos imortais. O *Piawá* é uma figura importante na narrativa que explica por que os Xipaya e os colonizadores falam línguas diferentes. De acordo com os registros de Nimuendajú, um *Piawá* comunicou aos Xipaya que em uma certa noite passaria um demônio e que eles deveriam permanecer acordados para falar com ele. No entanto, os Xipaya ignoraram o conselho do *Piawá* e adormeceram. No dia seguinte, os Xipaya não puderam mais compreender a língua falada pelos colonizadores.

Nimuendajú reúne alguns mitos sobre os animais, relatados pelos Xipaya. Entre os animais que aparecem nesses mitos, possuem maior destaque, a onça, o tatu, a cutia, o sapo, o tamanduá, o jabuti, a arara, a anta e o urubu-rei.

Na última seção do capítulo um do livro, intitulada *Tradições históricas e semi-históricas*, Nimuendajú discorre sobre a memória dos Xipaya e sobre o passado histórico do povo. De acordo com o autor, a história dos Xipaya é repleta de tradições de lutas intermináveis com as comunidades vizinhas. Os Xipaya eram um povo guerreiro em tempos passados, como também atestam as informações dos missionários jesuítas. Ainda nessa seção Nimuendajú descreve os conflitos e as relações dos Xipaya com os povos vizinhos. Ele relata que os Xipaya distinguem duas categorias de índios: *tana* e *adjí*. *Tana* é traduzido pelo autor como “gente” e designa os povos que os Xipaya consideravam mais ou menos iguais a eles: os Juruna, os Urupaya - que falam a mesma língua que os Xipaya -, os Caras Pretas, os Péua, os Munduruku, e com alguma reserva, os Kuruaya, sendo que, todos esses são povos Tupi. *Adjí* é traduzido por Nimuendajú como “selvagem” e o termo era usado pelos Xipaya para designar aqueles povos que consideravam desprezíveis e odiosos. Fazem parte dos *adjí*, em primeiro lugar, os Kayapó, os Assurini, os Arara e, depois, os Peopai e toda a longa série de povos perdidos e lendários dos *Tukumamai urāḡuḡu*, *Kianašidai*, *Mbeḡrai*, *Dusadai*, *Napasá urāḡuḡu*, *Taḡakurá*, etc. Quando os Xipaya falam dos não-índigenas, não os chamam de *adjí*, mas de “Carajá”.

O capítulo dois do livro traz o artigo *Sobre a língua dos índios Xipaya*, que contém informações sobre a língua Xipaya, coletadas no período em que Nimuendajú esteve entre o povo. Nesse período, o autor relata que a língua ainda era falada por cerca de 80 pessoas que moravam dispersas nos rios Iriri e Curuá. Ele registra ainda que pelo menos uma parte da comunidade vizinha, os Kurudja também falavam ou entendiam a língua Xipaya. Os dados foram coletados nos anos de 1916 a 1919, em diversos lugares, em particular em Santa Júlia e Boca do Baú. Há informações sobre as vogais, semivogais, consoantes e combinações de consoantes da língua. Além disso, na parte concernente à gramática, é possível encontrar registros sobre as classes gramaticais como, substantivo, artigo, numeral, pronome, adjetivo, verbo, advérbio, conjunção e posposição. São apresentados também dados sobre a formação da negação, da interrogação, reduplicação e triplicação. Os dados são bem organizados e podem ser úteis para a recuperação da língua Xipaya, uma vez que a língua hoje ainda se encontra em perigo de desaparecimento e seus falantes lutam para a sobrevivência da língua.

Além disso, no período no qual os dados foram coletados, Nimuendajú ainda teve a oportunidade de observar a língua em funcionamento, apesar das adversidades que o povo já encontrava em meio a vivência com os colonizadores.

O terceiro capítulo do livro, *Vocabulário da língua Šipáia*, traz um vocabulário bastante extenso, dividido em 22 campos semânticos:

- I. Partes do corpo;
- II. Elementos da natureza;
- III. Casa e utensílios;
- IV. Embarcações e armas;
- V. Vestuário e enfeites;
- VI. Produção de mandioca e alimentos;
- VII. Religião, costumes, magia e doenças;
- VIII. Família e tribo;
- IX. Diversos e conceitos gerais;
- X. Mamíferos;
- XI. Aves;
- XII. Répteis e anfíbios;
- XIII. Peixes;
- XIV. Artrópodes;
- XV. Crustáceos e vermes;
- XVI. Plantas;
- XVII. Verbos;
- XVIII. Adjetivos;
- XIX. Advérbios;
- XX. Posposições;
- XXI. Conjunções;
- XXII. Pronomes.

A edição de “*Os índios Xipaya: cultura e língua*”, publicada em 2019, apresenta elementos muito importantes para o conhecimento da cultura e língua Xipaya, bem como

de uma obra de Nimuendajú que não é ainda muito conhecida. A partir da apresentação muito bem organizada realizada pelo tradutor da edição, Peter Schröder, é possível que o leitor obtenha um conhecimento completo do contexto em que os artigos foram produzidos, de sua relevância na trajetória de Nimuendajú e do momento histórico de sua produção e coleta de dados no Brasil. Ademais, a publicação realizada pela editora Curt Nimuendajú é de grande importância, uma vez que após o trágico incêndio do Museu Nacional, ocorrido em 2018, diversos documentos do Arquivo Curt Nimuendajú - um dos mais importantes acervos do país, reunindo uma parte crucial para o entendimento da história das línguas indígenas no Brasil – foram perdidos.

---

## Referências

- AFP (2019). 'Brasil ainda é um país multilíngue', diz especialista em idiomas indígenas. *Isto é*, São Paulo, 25 de abril de 2019. Disponível em: <<https://istoe.com.br/brasil-ainda-e-um-pais-multilingue-diz-especialista-em-idioma-indigenas/>>. Acesso em 5 de nov. de 2019.
- Ferreira, Tatiana (2016). Pesquisas tentam resgatar línguas indígenas. *Jornal da Universidade Federal do Pará*, Pará, ano xxx, n. 130, abril e maio de 2016. Disponível em: <<http://www.jornalbeiradorio.ufpa.br/novo/index.php/2004/62-edicao-22/698-pesquisas-tentam-resgatar-linguas-indigenas>> Acesso em 5 de nov. de 2019.
- Nogueira, Tânia (2006). A última falante viva de xipaia. *Época*, São Paulo, 21 ago. 2006, p. 132-138. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/noticia/42302>>. Acesso em: 5 de nov. de 2019.
- Procópio, L.C.; Secco, R.S. (2008). A importância da identificação botânica nos inventários florestais: o exemplo do “tauari” (*Couratari* spp. e *Cariniana* spp. - *Lecythidaceae*) em duas áreas manejadas no Estado do Pará. *Acta Amazonica* 38(1): 31-44.
- Wilbert, J.; Simoneau, K. (1978-1984). *Folk literature of the Ge indians*. Los Angeles, CA: UCLA. Latin America Center Publ., 1978-84. 2v. (Folk literature of South American Indians). (UCLA Latin American Studies, 44, 58).

Recebido: 15/11/2019

Versão revista e corrigida: 27/11/2019

Aceito: 28/11/2019.